

YOKO OGAWA

A PISCINA
DIÁRIO DE GRAVIDEZ
DORMITÓRIO

três novelas



A PISCINA
DIÁRIO DE GRAVIDEZ
DORMITÓRIO

YOKO OGAWA

A PISCINA
DIÁRIO DE GRAVIDEZ
DORMITÓRIO

três novelas

Tradução do japonês
Eunice Suenaga



Estação Liberdade

Título original: *Daibingu Puru / Ninsbin Karenda / Domitorii*

A piscina – publicado originalmente no Japão em 1990, em *Samenai Kocha*, pela Fukutake Shoten Co., Ltd., Tóquio

Diário de gravidez e *Dormitório* – publicados originalmente no Japão em 1991, em *Ninsbin Karenda*, pela Bungeishunju Ltd., Tóquio

© Yoko Ogawa, 1990 e 1991

© Editora Estação Liberdade, 2023, para esta tradução

Direitos da edição em português acordados com Yoko Ogawa por intermédio de Japan Foreign-Rights Centre/Ute Körner Literary Agent, S.L.

PREPARAÇÃO Silvia Massimini Felix | REVISÃO Fábio Fujita e Marina Ruivo |
EDITOR ASSISTENTE Luis Campagnoli | SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes |
EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon | EDITOR Angel Bojadsen



A EDIÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM SUBSÍDIO DO PROGRAMA
DE APOIO À TRADUÇÃO E PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO JAPÃO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O28p

Ogawa, Yoko, 1962-

A piscina ; Diário de gravidez ; Dormitório : três novelas / Yoko Ogawa ;
tradução Eunice Suenaga. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2023.
168 p. ; 21 cm.

Tradução de: Daibingu puru ; Ninshin karenda ; Domitorii
ISBN 978-65-86068-76-4

1. Novela japonesa. I. Suenaga, Eunice. II. Título: Diário de gravidez.
III. Dormitório. IV. Título.

23-83813

CDD: 895.63

CDU: 82-32(52)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

04/05/2023 12/05/2023

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

www.estacaoliberalidade.com.br

ダイヴィンク・プー
ル

妊娠カレンダー

ドミトリエ

Sumário

11 A piscina

61 Diário de gravidez

111 Dormitório

A piscina

Aqui é sempre quente: parece que estou dentro da barriga de um bicho gigantesco. Ao permanecer sentada por um tempo, sinto o cabelo, os cílios e a blusa do uniforme absorverem o calor e ficarem úmidos. Sou envolvida por uma umidade ligeiramente mais seca que o suor, com um leve cheiro de creolina.

Lá embaixo, sob os meus pés, oscila a superfície da água azul-clara. Mesmo tentando olhar para o fundo, as pequenas borbulhas que surgem a todo momento obstruem minha visão. O teto de vidro é muito alto. Estou na arquibancada, sentada em um dos bancos bem no meio, como se estivesse suspensa no ar.

Jun caminha na plataforma de dez metros. Usa uma sunga em tom vermelho que estava pendurada no beiral da sua janela ontem. Ao chegar à extremidade, fica de costas para a água, devagar, e junta os calcanhares. Todos os músculos do seu corpo se mobilizam ao mesmo tempo e ficam tensos. A parte de que mais gosto em seu corpo é a linha dos músculos das pernas, do tornozelo até a coxa. A linha tem a elegância gélida de uma estátua de bronze.

Às vezes tenho vontade de explicar a mim mesma o prazer que sinto desde o momento em que Jun levanta os braços como se fosse agarrar qualquer coisa no espaço até sumir dentro da água. Mas nunca consigo. Será que é porque ele cai no vale do tempo silencioso, onde as palavras não chegam?

— Duplo e meio mortal revirado grupado — murmuro.

Ele falhou. Seu peito atingiu a superfície da água com um estrondo. Vários respingos brancos jorraram por todo lado.

Se é um fracasso como agora ou um salto perfeito sem respingos, o prazer que sinto não muda. Por isso não torço para que o salto seja um sucesso, não fico desapontada nem pulo de alegria. O corpo maleável e elegante de Jun rompe minha emoção pueril e é absorvido pela parte mais profunda do meu íntimo.

Quando ele aparece no meio das borbulhas, a superfície da água oscilante se levanta como um véu, revelando o contorno das suas costas. Sem tirar o véu, ele nada devagar para a beira da piscina. É um nado de peito preciso, com grandes movimentos.

Certa vez, vi num programa de tevê que transmitia saltos ornamentais as imagens de uma câmera subaquática posicionada dentro da piscina. Os atletas que rasgavam a superfície da água atingiam o fundo em alta velocidade. O interior da piscina era preenchido por um azul límpido. Os atletas giravam o corpo, chutavam o fundo da piscina com a sola dos pés e subiam à superfície. Esse movimento era bem mais bonito que o salto em si. Os movimentos das palmas das mãos e dos tornozelos eram livres, e todo o corpo estava envolvido pela pureza da água. No caso das atletas femininas, o cabelo oscilava como o vento. Todos tinham uma expressão tranquila, como se respirassem profundamente.

Vários atletas saltaram e passaram diante da câmera mostrando sua bela aerodinâmica. Eu queria olhar por mais tempo, com calma, a silhueta dos atletas dentro da água, mas dois ou três segundos depois eles já mostravam a cabeça na superfície. Aquilo me fez lembrar que todas as pessoas um dia estiveram mergulhadas em líquido amniótico.

Será que Jun, no fundo da piscina, também nada mexendo os músculos livremente, como um feto? Se eu pudesse observar

o corpo de Jun livre, livre da tensão, o quanto eu quisesse, meu prazer seria maior.

Tenho passado muito tempo na arquibancada da piscina de saltos ornamentais. Estive aqui ontem, anteontem, e há exatos três meses também. Não tenho nenhum objetivo, não penso em nada nem espero algo. Apenas observo Jun molhado.

Como moramos debaixo do mesmo teto há mais de dez anos e frequentamos a mesma escola de ensino médio, algumas vezes por dia nos aproximamos muito, a ponto de nossos ombros se tocarem, ou trocamos algumas palavras. Mas consigo sentir Jun bem mais perto de mim quando ele está na piscina. De forma indefesa, apenas de sunga, ele salta para dentro da água várias vezes, mudando de posição: esticada, carpada e grupada. Estou sentada na arquibancada, com a mochila escolar no chão, vestindo uma saia de pregas bem passada e uma blusa branca limpa. Não consigo estender minha mão para ele.

Mesmo assim, aqui é um lugar especial. Aqui é uma guarita só minha, onde consigo ver Jun, que é só meu. Ele me perfura bem no meio, em linha reta.

Depois de atravessar toda a rua comercial que fica em frente à estação, entro na primeira ruela ao sul, paralela à rodovia nacional que segue a linha do trem, e nessa hora o agito se distancia de repente. Estamos em maio, e, nessa época do ano, a reminiscência da claridade do dia ainda paira no ar, mesmo quando desembarco na estação ao voltar para casa depois de deixar a piscina ao término dos treinos de Jun.

Passo pelo parque onde só há caixas de areia e bebedouros, pelo alojamento para solteiros de uma empresa e pela maternidade deserta, e mais adiante há apenas casas residenciais

comuns. Preciso caminhar nessa rua por vinte e cinco minutos até chegar à minha casa. À medida que o número de pessoas que passaram comigo na catraca da estação diminui, a pouca claridade do dia que resta vai sendo sugada pela treva fosca. Normalmente, no final não sobra ninguém além de mim.

Passo por cercas vivas baixas, por um matagal e, avançando mais um pouco, avisto um muro de blocos coberto pela metade por trepadeiras. A parte sem trepadeiras apresenta uma coloração de musgo. O muro já foi praticamente assimilado pela planta. O portão está todo aberto e preso por uma corrente enferrujada para não se fechar.

Nunca vi esse portão fechado. Está sempre aberto para receber todo tipo de gente que passa por dificuldades e dor e busca a salvação de Deus. Aqui ninguém é recusado. Nem eu, naturalmente.

Ao lado do portão há um quadro de avisos envidraçado e iluminado por uma lâmpada fluorescente. “Ensinamentos da semana: Quem é mais precioso: Você ou seus irmãos? Todos somos irmãos. Não trate seus irmãos como estranhos.” Todo sábado, à tarde, meu pai gasta muito tempo para escrever esses “Ensinamentos da semana” depois de preparar a tinta e folhear as escrituras sagradas. O cheiro de tinta está impregnado na velha caixa na qual ele guarda pincéis e pedra de tinta. Ele despeja um pouco de água da jarra na concavidade da pedra e mói o bastão de tinta, segurando-o reto até que a água fique escura. Só então mergulha o pincel nessa tinta. Cada movimento é estupidamente lento e parece um cerimonial. Para não acabar com esse clima solene, passo diante de seu quarto na ponta dos pés.

Alguns bichinhos que foram atraídos pela luz da lâmpada fluorescente rastejam entre as letras do meu pai.

Quando me dou conta, o entardecer já se transformou em noite. Uma treva mais profunda que a de fora envolve o interior do portão. Isso porque esse espaço se preenche de um verde denso das plantas que parece causar asfixia. Ao longo do muro de blocos, plantas perenes e plantas caducifólias estão dispostas de forma aleatória, sem nenhuma ordem. Os galhos se estendem a seu bel-prazer e se entrelaçam. O pátio frontal também é coberto por um emaranhado de vegetação, e não é possível distinguir as ervas daninhas das flores.

Em meio a esse cenário verde, duas grandes árvores de ginkgo de cor mais intensa sobressaem no céu noturno. Todo ano, no outono, as crianças vestem luvas de trabalho para colher suas nozes. Quando Jun, que é o mais velho, sobe no galho grosso e balança a árvore, as nozes caem junto com folhas amareladas e secas, e as crianças correm eufóricas. Toda vez que passo ao lado das árvores, lembro-me das nozes de ginkgo grudadas na sola dos sapatos das crianças, como lagartas amassadas, e do cheiro horrível que se espalha pelo pátio.

À esquerda das árvores de ginkgo se localiza a igreja, e, aos fundos, na diagonal, fica a Casa Hikari, ligada à igreja por um corredor coberto. Ali é minha casa.

A límpida umidade azul-clara que inspirei em abundância na arquibancada da piscina secou por completo até eu chegar aqui, e sinto que também meu coração está totalmente ressecado. É sempre assim: leio os “Ensinamentos da semana”, passo pelo portão desprotegido e abro a porta da Casa Hikari lembrando-me do cheiro das nozes de ginkgo. Não consigo fazer esses movimentos simples de forma inconsciente. Algo roça meu coração ressecado.

Algumas vezes, a Casa Hikari envolvida pela luz é incontestável e inabalável, mas eu me sinto embaçada. Já em outras

é o contrário: sinto-me completamenteafiada a ponto de sentir dor, mas a Casa Hikari é indefinida e vaga. De qualquer forma há uma distorção intransponível entre mim e a Casa Hikari, e sinto que essa distorção é que roça meu coração.

Apesar de aqui ser minha casa. Apesar de minha família morar aqui. Apesar de Jun morar aqui. Lembro-me disso toda vez que abro a porta da Casa Hikari e toco a cortina verde.

Ao tentar organizar minhas antigas memórias e dispô-las em ordem, percebo que a lembrança mais vívida é a que está impressa num velho filme.

É uma tarde de sol muito intenso. Jun e eu estamos brincando no pátio dos fundos, no lugar onde havia o poço. O poço foi fechado muito tempo atrás, e no lugar dele há uma figueira. Como temos quatro ou cinco anos, faz pouco tempo que Jun veio morar na Casa Hikari. A mãe de Jun era uma mulher solteira e alcoólatra e, vendo que ela não tinha condições de criar o filho, um fiel fervoroso recomendou a Casa Hikari.

Quebro um galho da figueira e observo por um tempo o líquido branco e opaco que exsuda dele. Ao tocá-lo, percebo que é mais viscoso do que eu imaginava e gruda na ponta dos meus dedos. Quebro outro galho e digo a Jun:

— Venha, é hora do leiteinho.

Ponho Jun no meu colo, enlaço seu ombro com um dos braços e, com a outra mão, enfio o galho da figueira em sua boca. Nesse momento não há nada em seu corpo que lembre a linha dos músculos que brilha envolvida pela água transparente da piscina. Dentro dos meus braços só há a maciez comum de uma criança. Jun faz um biquinho com a boca e finge chupar o leite, fazendo barulho. Até envolve minha mão com as suas,

como se segurasse uma mamadeira. O leite da figueira tem cheiro de terra amarga.

Nessa hora, de súbito, sinto que algo inexplicavelmente desagradável está grudado em mim. Essa foi a primeira vez. Talvez o leite da figueira e a maciez do corpo de Jun tivessem despertado esse algo. Ou talvez esse algo desagradável estivesse grudado em mim desde muito antes, talvez até antes de eu nascer.

“Quem é o Jun que está aqui? Ele veio um dia, de repente, e mora conosco. Nem é meu irmão. E não é só Jun. Minha casa está cheia de estranhos indefinidos que agem como se fossem da família. Sendo que família de verdade somos só eu, meu pai e minha mãe. Tem algo na minha casa que é diferente das outras casas. Diferente das outras famílias.”

A sensação desagradável vai se materializando aos poucos em forma de mistério. Quebro um galho mais grosso que deve dar mais leite e passo o corte nos lábios de Jun. Ele franze as sobrancelhas de leve e passa a língua nos lábios. Nesse momento, de repente, a luz solar fica mais intensa e encorpada, e a paisagem, embaçada e branca. Aqui termina meu filme mais antigo.

Desde então o mistério não desapareceu e continua até hoje. Quando ouço as palavras “família” ou “lar”, elas soam como palavras especiais, e não consigo deixá-las passar despercebidas. Mas, quando as agarro com a mão, são ocas por dentro e rolam no chão rente aos meus pés como latas vazias.

Meus pais são líderes da igreja, conectam Deus e os fiéis, e também são diretores da Casa Hikari. A Casa é um orfanato, e sou a única criança que nasceu ali e não é órfã. Esse fato desestrutura meu lar.

Como se quisesse confirmar a sensação desagradável grudada em mim, de vez em quando vou à sala de brinquedos e

folheio os álbuns da última prateleira da estante de madeira. Sento-me entre os livros infantis e blocos de madeira espalhados no chão, dobrando as pernas para o lado, e pego um dos álbuns aleatoriamente.

Todas as fotos são de eventos da Casa Hikari. Piquenique de primavera para apreciar as flores de cerejeira, coleta de conchas na praia, churrasco, recolha de nozes de ginkgo. Todas cheias de órfãos. Assim como em fotos de turma tiradas em excursão escolar, os rostos das crianças estão enfileirados um ao lado do outro. E meu rosto, perdido no meio deles. Na excursão escolar cada criança volta para sua casa, mas os órfãos voltam todos juntos para a Casa Hikari. Não consigo me livrar deles.

Na maioria das vezes meus pais estão posicionados atrás dos órfãos, sorrindo. O sorriso do meu pai é silencioso, sereno e uniforme, um tanto cerimonioso. Como a maior parte do seu tempo é tomada por preces ritualísticas, não tem jeito. Ele está quase sempre imerso em orações sagradas e enfadonhas. Contemplo a foto do meu pai com os olhos de quem observa o altar sentada num banco da igreja.

Folheio o álbum com indiferença. Observo as fotos: todas parecidas, todas em grupo. Observo, com dor no coração, o álbum sem o registro de peso ou altura no momento do meu nascimento, sem o carimbo do meu pezinho, sem foto em família comigo e meus pais. Fecho o álbum produzindo um som que parece o da minha casa sendo esmagada entre os órfãos.

Seria bom se eu também fosse órfã, penso de vez em quando. Seria bom se, pelo menos, uma das infelicidades frequentes na Casa Hikari — mãe alcoólatra, pai assassino, pai e mãe falecidos ou abandono — fosse minha. Assim eu também seria uma órfã genuína. Eu me esforçaria para tratar

os dois diretores como se fossem meus pais de verdade, fingiria inocência para encontrar a melhor família que me adotasse e teria pena de mim mesma por agir de forma tão louvável. Uma vida desse jeito seria bem mais compreensível.

Desde a lembrança da figueira que nasceu no poço fechado, venho desejando única e exclusivamente, como um anjo: um lar singelo e silencioso livre de complicações.

Quando Jun desaparece no vestiário e eu pego a mochila escolar do chão enquanto observo a superfície da água da piscina se tranquilizar, ou nas noites de domingo, quando aguardo em silêncio o som de Jun chegando de uma competição, adentrando na treva verde, sinto meu desejo se evaporar como bruma. Não nos momentos de grande dor como aqueles em que sinto solidão, mas quando meu coração aperta de forma inexplicável, meu desejo puro sobe volátil e perde a consistência.

Tento apalpar, mas descubro que não há nada que eu possa fazer. No mundo há várias coisas que estão fora do nosso controle, e descubro que, para mim, o que está mais fora de controle é a Casa Hikari.

Jun voltou. Como ele tem reunião depois do treino, volta mais ou menos uma hora depois de mim.

Uma vez por semana ou uma vez a cada dez dias, quando se aproxima o horário de Jun chegar, eu fico no saguão de entrada, no sofá ou perto do telefone. Se as outras crianças, os funcionários, meus pais e, principalmente, o próprio Jun soubessem que eu o espero, nossa relação ficaria muito complicada, e eu prezo pela naturalidade. Sentindo-me ridícula, telefono para minha colega de classe sem nenhum assunto em especial ou folheio uma revista.

Normalmente o saguão de entrada é vazio e silencioso à noite. Só há um sofá velho, manchado e puído, e um aparelho de telefone de modelo antigo, de discar, sem qualquer ornamento. A luz da lâmpada incandescente amarelada ilumina o assoalho de madeira.

Nesse dia eu me permiti esperar Jun. Ele entrou no saguão vestindo o blazer escolar e carregando a mochila e a bolsa esportiva.

— Olá — eu disse.

— Olá.

Por mais banal que fosse, a palavra dita pela boca de Jun parecia penetrar a minha alma. O corpo de Jun que acabara de sair do treino ainda mantinha o cheiro fresco próprio da piscina. Eu ficava ainda mais feliz quando restava uma leve umidade em seu cabelo.

— Estou morrendo de fome — disse Jun, afundando-se no sofá de forma brusca e jogando as duas bolsas no chão. Mas ele não estava mal-humorado. Até seu cansaço era envolvido pelo cheiro refrescante da piscina.

— Que inveja ter fome depois do treino — respondi, encostando-me na mesa de telefone. — Mesmo não fazendo nada, nunca me esqueço de comer quando chega a hora. Uma fome como essa é vaga e vazia.

— Você também podia praticar algum esporte, Aya.

Balancei a cabeça, olhando para baixo.

— Eu gosto muito mais de ver do que praticar esporte.

Assustei-me com minha fala, sobre gostar mais de ver. Será que ele já percebera que eu vinha observando seu treino na arquibancada por quase um ano?

Como queria manter o momento em segredo, procurava sentar-me no assento mais afastado da plataforma de salto e

tomava cuidado para não cruzar com Jun nem com outros membros do clube na entrada da piscina. Era natural que ele não tivesse percebido. Mas, ao mesmo tempo, era triste. Havia esse sentimento contraditório dentro de mim.

Jun nunca falava coisas que me deixavam em situação embaraçosa, como “Você estava ontem na piscina, não estava?” ou “O que você fazia lá?”. Se ele evita falar com o intuito de me deixar mais à vontade, apesar de ter percebido, e não simplesmente por não ter notado, nossa relação pode se tornar mais próxima, pensei.

— Hoje machuquei o pulso. Bati na água num ângulo errado.

— Qual deles?

Ele me mostrou o pulso esquerdo. Eu temia muito que Jun se machucasse. Seu corpo era muito importante. O olhar penetrante, o brilho do peito e o contorno dos músculos quando ele tentava captar o momento certo para saltar despertavam em mim um prazer físico que normalmente ficava esquecido em algum lugar distante. Para mim o corpo dele era perfeito, e uma pequena lesão, por menor que fosse, me deixava abalada.

— Tudo bem? A competição interescolar está chegando, não é?

— Não é nada — disse ele com modéstia.

Para entrar na água como uma agulha que perfura, reduzindo os respingos ao máximo, os pulsos firmemente colados de Jun rasgavam a superfície de água oscilante. Por isso seus pulsos eram mais resistentes que qualquer outro pulso que eu conhecia.

Nesse momento, ouvimos o barulho de chinelos vindo do corredor dos fundos.

— Jun, voltou? — Era Naoki. — Ei, fique de ponta-cabeça de novo.

Naoki ficou em torno de Jun pulando como um spitz japonês. Ele tinha três anos, sofria de asma e tinha a voz sempre rouca.

— Tá bom. Outro dia — disse Jun, levantando-se do sofá e pegando Naoki no colo.

Todas as crianças da Casa Hikari adoravam Jun. Ninguém nunca o viu bravo. Ele era infinitamente atencioso. As crianças adoravam Jun assim como eu o adorava, e todos queriam tocar em alguma parte do seu corpo. Em voz baixa, sugeri a Jun, que se dirigia para os fundos carregando Naoki no colo, que cuidasse do seu pulso.

— Outro dia quando? — perguntou Naoki. — Não é só ficar de ponta-cabeça. Você tem que andar de ponta-cabeça.

A voz rouca de Naoki desapareceu nos fundos.

Para mim, o momento mais estranho na Casa Hikari era a hora do jantar. Para começar, o fato de a cozinha e o refeitório ficarem no subsolo já era algo esquisito.

Tanto a igreja quanto a Casa Hikari eram construções bem antigas de madeira em estilo ocidental. Sua idade avançada estava impregnada em cada taco de madeira, cada dobradiça, cada azulejo. Como foram feitas várias reformas de ampliação, a estrutura era complexa e, mesmo de fora, não era possível perceber sua forma geral. De dentro parecia ainda mais complexa, com longos e intermináveis corredores sinuosos e pequenos degraus aqui e acolá.

Ao passarmos pelo saguão de entrada da Casa Hikari e seguirmos pelo corredor que se assemelhava a um labirinto,

quando nos dávamos conta já estávamos no segundo piso. Víamos o pátio interno embaixo da janela.

No final do corredor havia uma parte do assoalho recortada do tamanho de um tatame, com uma alça de metal resistente na extremidade: era um alçapão. Ao puxar a alça, o alçapão se levantava, fazendo um barulho seco de madeira quando range. Ao prendê-lo num gancho suspenso do teto, abria-se um buraco no chão. Era a escadaria íngreme que seguia para a cozinha e o refeitório.

As crianças adoravam essa escadaria secreta. Na hora das refeições, todas elas queriam levantar o alçapão, e sempre acontecia uma pequena disputa. Ao serem repreendidas por uma das cuidadoras ou pela diretora do orfanato, desapareciam no buraco uma atrás da outra.

Quando eu puxava a alça enferrujada, quando ouvia o assoalho ranger com o som que revelava sua idade avançada e sentia o cheiro de alguma mistura subir pela escadaria, lembrava-me com frequência do *Diário de Anne Frank*: escada escondida pela estante giratória, planta do esconderijo tão complexa quanto a da Casa Hikari, estrela de Davi amarela, tachinhas no mapa que mostravam o avanço no desembarque da Normandia, refeição modesta mas pesada com Peter, o casal Van Daan e o senhor Dussel. Descendo os degraus da escadaria secreta da Casa Hikari, sentia meu apetite diminuir cada vez mais, como o de Anne Frank.

O refeitório ficava no subsolo, mas não era escuro nem úmido. Havia algumas janelas grandes; a do lado sul dava de frente para o pátio interno, e no vidro da janela do lado norte balançava a sombra do matagal.

No refeitório, porém, também a idade avançada impregnada aqui e ali era indisfarçável. As frigideiras e panelas do corredor

estavam queimadas e desbotadas; o liquidificador, o forno e a geladeira eram resistentes, mas de modelo antigo; e, na grande mesa de jantar de madeira, vários arranhões formavam uma estampa que se ampliava, e se viam alguns sulcos.

Para mim, o agitado café da manhã, quando as crianças se reuniam e espalhavam migalhas por toda parte, era insuportável. No jantar, comiam primeiro as dez crianças menores, até o primário, e meu pai, que tinha de acordar cedo para a missa matinal. A seguir, comíamos nós, os mais velhos: eu, Jun, Reiko, que está no terceiro ano do ensino fundamental II, a cuidadora do período noturno e minha mãe. Mesmo no jantar só de gente mais velha, quando as migalhas já haviam sido limpas, algo me deixava irritada.

Minha mãe era mais animada e mais empolgada que qualquer outra pessoa e qualquer criança da Casa Hikari. Costumava ser especialmente faladeira na hora do jantar. O que fazia não era proporcionar um assunto para todos discutirem: falava apenas o que era do seu interesse, do começo ao fim.

Ouvindo sua respiração agitada, eu pensava, com grande crueldade: ela não fica irritada consigo mesma falando por tanto tempo assim?

Quando começava o falatório, todas as outras pessoas eram obrigadas a se calar. Meus ouvidos só conseguiam captar palavras como “então”, “só que”, “mas”, e o som de mastigar que se misturava de vez em quando à sua voz.

Eu ficava preocupada se aquela verborragia excessiva não irritava Jun e as outras pessoas. Tinha vontade de prender, com o indicador e o polegar, os lábios sinuosos dela que se mexiam sem parar como duas larvas e amassá-los. Mesmo com o pátio interno completamente escuro, o vidro das janelas mergulhado num profundo verde, a voz da minha mãe

seguia reverberando exultante. Reiko e a cuidadora abanavam a cabeça de vez em quando, em movimentos sutis, sem tirar os olhos do prato.

Nessa hora o cabelo de Jun já estava completamente seco. O corpo dele assim, sem umidade, parecia um pouco menor e mais suave.

Jun nunca suspirava mesmo quando minha mãe falava excessivamente. Ele ouvia com atenção a voz que ecoava de forma invasiva, abanava a cabeça polidamente, comia com entusiasmo e até fazia perguntas adequadas para que ela falasse mais. Quando a voz dele conseguia deslizar com sucesso por entre as ondas da voz da minha mãe, ela se virava para Jun e continuava a falar de forma ainda mais animada.

“Não consigo controlar meu sentimento cruel e estou irritada, mas como você consegue ser tão gentil?” eu pensava, olhando o perfil de Jun. Quando voltava para a Casa Hikari depois dos saltos da plataforma da piscina, os músculos de Jun ficavam quentes como algodão e absorviam tudo o que irritava meus nervos, em sequência: a voz rouca de Naoki, as migalhas de comida espalhadas pelas crianças e o falatório interminável da minha mãe. O pai de Jun era desconhecido, e sua mãe o abandonara afogando-se na bebida, então de onde vinha tanta amabilidade? Era curioso. Sempre desejei intensamente, a ponto de me sentir sufocada, mergulhar na nascente que há na parte mais íntima da sua generosidade, enxugar meu corpo com o algodão macio de sua alma.

Do piso de cima vinha o som de vários passos de crianças. Era hora do banho, e todas deviam estar correndo para lá e para cá, espalhando talco branco pelo ambiente. Mexendo a gordura da carne com os palitinhos, observei os lábios gordurosos da minha mãe. Em seguida passei o molho para Jun,

na esperança de ouvir seu “obrigado” capaz de lavar a azia no meu estômago.

Minha mãe só parou de falar na hora da prece, depois da refeição, quando todos juntamos as mãos e fechamos os olhos.

Era uma tarde tranquila de domingo. Meus pais tinham saído para a gravação de um programa religioso da rádio. Reiko, com quem eu dividia o quarto, estava deitada na cama de cima do beliche e lia uma revista científica. Jun tinha aula de balé todos os domingos. Ele havia começado recentemente, por recomendação do técnico do clube de saltos ornamentais, para tornar a linha do corpo mais bonita e maleável. Eu não conseguia imaginar como ficavam durante a aula os músculos de Jun, que, no momento do salto, brilhavam contornados pela luz das gotas de água e eram absorvidos pela água de forma sinuosa. Senti ciúmes das meninas de peito achatado com coque e *collants*.

Naquela tarde de domingo sem Jun, o tempo parecia estar cabisbaixo e triste.

Estudei inglês e, ao me cansar, folhiei o dicionário e observei os desenhos simples, mas estranhamente reais, de albatroz, destilador, suporte para lenha da lareira, fôrma para waffle, entre outros.

O tempo estava lindo lá fora. A luz solar iluminava tudo, como se pairasse no ar uma poeira dourada. A sombra nítida das folhas de ginkgo oscilava na parede da igreja. O vento que penetrava pelas cortinas tinha um leve cheiro de início de verão.

— Hoje você não vai ao hospital? — Girei a cadeira e perguntei a Reiko, que estava deitada na cama.